

Entrevista de Dilma Rousseff ao Financial Times

O correspondente no Brasil do Financial Times, Jonathan Wheatley, entrevistou no dia 2 de setembro a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil. Rousseff é ex-ministra de Minas e Energia e continua na presidência do conselho da Petrobras, petrolífera estatal, porém de capital aberto. Ela é uma das arquitetas do novo marco regulatório do governo proposto para regulamentar a indústria petrolífera que irá reger as operações nos campos pré-sal, gigantescos reservatórios brasileiros offshore descobertos há dois anos.

1 - FT: Em primeiro lugar, por que este é o melhor modelo para o Brasil e pro pré-sal?

DR: Por quê?

2 - FT: Por que escolher este modelo?

DR: Porque este modelo é adequado para a quantidade de óleo que temos, para o baixo nível de risco exploratório, e por causa dos altos níveis de retorno. Queremos manter uma parte maior das receitas do petróleo.

3 - FT: Vocês se inspiraram em outros modelos ao redor do mundo?

DR: Nós estudamos todos os modelos existentes. Cada país escolheu o modelo que é certo para a sua própria história na indústria do petróleo e que melhor se adapta às suas necessidades. Somos um país com características muito nossas. Desde o início de nossa história na indústria do petróleo, houve um grande ponto de interrogação sobre se tínhamos algum petróleo. As pessoas muitas vezes disseram que não tínhamos e que as nossas condições [geológicas] significavam que nós não poderíamos ter. Por nossa própria conta e risco, começamos a procurar petróleo em terra. E de fato foi um processo muito difícil. Nós deixamos a terra de lado e entramos em uma longa viagem em água rasa, depois em águas profundas, e agora em águas ultra-profundas. Não houve transferência de tecnologia da mesma forma que os outros países tiveram. Nós criamos as circunstâncias para chegarmos onde estamos agora, com o pré-sal. Através da produção de petróleo, criamos uma grande empresa de petróleo com tecnologia própria. Ao mesmo tempo, somos um país com uma base industrial diversificada e um grande mercado consumidor. Agora temos uma oportunidade dupla. Podemos transformar a riqueza natural em riqueza social, para avançar na luta contra a pobreza. Nós iríamos acabar com a pobreza no Brasil de qualquer maneira, mas o pré-sal vai adiantar o trabalho em alguns anos, porque teremos mais recursos.

Vamos ter uma educação de alta qualidade, vamos investir em ciência e tecnologia. E, ao mesmo tempo, temos a oportunidade de criar uma indústria de equipamentos e serviços e de agregar valor ao nosso petróleo.

Assim, a grande questão é: o que devemos fazer para garantir uma maior parte das receitas do petróleo? Quando você traz o petróleo para fora da terra, você cria receitas, porque o custo de produção é muito inferior ao preço final. Assim, uma vez que você recuperou os custos e entregou um retorno adequado ao capital investido, ainda existem receitas que sobraram. A questão é quem deve ficar com esse extra. Nós escolhemos o modelo de produção compartilhada, como forma de apropriação desta receita extra. Ao mesmo tempo, somos muito claros sobre os aspectos geopolíticos do petróleo.

4 - FT: O que significa isso?

DR: O que significa isso? Que os países produtores e países consumidores têm interesses diferentes. E que hoje 77% das reservas estão nas mãos das empresas petrolíferas nacionais, as empresas petrolíferas estatais. É do nosso interesse assegurar que quaisquer que sejam as parcerias que o país possa estabelecer serão de grande importância.

5 - FT: Parcerias com?

DR: Com outros países, para o fornecimento de petróleo. Para vender o petróleo.

6 - FT: Há algumas coisas que...

DR: Para abastecer o mercado internacional do petróleo. Somos um país com instituições estáveis, com regras claras, que não rompe contratos, que está no oeste, e é, portanto, um fornecedor de confiança. Eu não acredito que alguém não vá querer ter um relacionamento conosco. Não estamos em uma zona de turbulência, não temos conflitos étnicos, não temos conflitos religiosos e respeitamos os contratos. Então, nós acreditamos que somos extremamente atraentes.

7 - FT: Qual será o papel de outras empresas na indústria de petróleo?

DR: Elas terão um papel importante. Por quê? Porque esta é uma parceria que é de interesse para nós, mas é de interesse para nós em nossas condições. Nós não temos nenhuma razão para pensar que a receita tem de ser totalmente transferida para as companhias internacionais de petróleo ou para as empresas petrolíferas nacionais em outros países, a fim de atraí-los para o Brasil. Sabemos que as companhias internacionais de petróleo sabem que as regras do jogo mudam quando você muda para uma situação de baixo risco exploratório e de elevada rentabilidade. Tome como exemplo os dois maiores blocos que encontramos, Tupi e Iara. Em Tupi, temos entre 5 bilhões e 8 bilhões de barris, em Iara, temos entre 2 bilhões e 4 bilhões de barris.

Então, eu lhe pergunto, por que não seria atraente para uma empresa de petróleo internacional tomar parte no processo do pré-sal, se a questão estratégica de acesso à reserva é garantida por nós? Se você tem 10% de um bloco de 8 bilhões de barris, você tem 800 milhões de barris. Quando você entende que um bloco é considerado grande com 500m a 600m de barris, não vejo qual é o problema.

8 - FT: Um problema que foi colocado para mim é que as companhias

operadoras estrangeiras não serão realmente as operadoras; elas serão convidadas a serem um pouco mais do que investidores de capital.

DR: Não. Elas serão convidadas a participar dos blocos de exploração. Hoje, por exemplo, no pré-sal, por que uma empresa internacional de petróleo iria querer ser parceira da Petrobras?

9 - FT: Para participar do risco e da recompensa?

DR: Não. Não. Porque elas podem ganhar com a transferência de tecnologia da Petrobras. Qual é a diferença entre a Petrobras e qualquer outra grande empresa de petróleo internacional? A Petrobras tem 22% da exploração do mundo em águas profundas. As outras duas mais próximas, que são empresas privadas internacionais, têm 14% [cada]. Deste modo, a Petrobras está no nível das grandes companhias internacionais de petróleo em termos de conhecimento de águas profundas. Mas aqui no Brasil, qual é o seu grande diferencial? Você sabe o que é?

10 - FT: O que?

DR: É que ela conhece os campos sedimentares brasileiros em águas profundas. Ela os conhece. E esse conhecimento, você sabe o que ele produz? Risco reduzido. Se você reduz o risco, você sabe o que você produz? Maior lucratividade. Por que nós defendemos que a Petrobras deve ser o operador? Porque ser o operador significa ter acesso à tecnologia, ser aquele que fixa a taxa de produção e, ao mesmo tempo, adota a tecnologia específica mais adequada para a área. Nós não vemos qualquer obstáculo para as companhias petrolíferas internacionais que vão participar conosco. Elas terão um papel ativo no comitê operacional. Por que elas têm este papel fundamental? Porque, como funciona o comitê operacional? Todo mundo senta-se - certo? - E discute o que é melhor... o operador entra e apresenta o projeto operacional. E os outros, que têm conhecimento, sem dúvida, eles discutem se deve ser deste ou daquele jeito. A Petrobras vai contratar, obviamente, empresas de serviços como qualquer outra empresa internacional. As tradicionais empresas de serviços, como a Halliburton e os outros.

11 - FT: Um comentário que eu ouvi é que na parte norte-americana do Golfo do México há mais de 100 empresas operando e elas têm trabalhado da melhor forma enquanto fazem seu trabalho. Elas desenvolveram tecnologia em parcerias no trabalho, e há uma preocupação de que, uma vez que essas empresas serão minorias em todas as parcerias, elas estarão menos dispostas a dividir a tecnologia.

DR: Posso dizer algo? Eu não acho que as tecnologias existentes e disponíveis são segredos tecnológicos. O que faz a diferença entre uma empresa e outra é o conhecimento que tem sobre aquele campo, aquela região. Não temos exatamente uma empresa de tecnologia de baixo custo na Petrobras. Se fosse assim, não haveria explicação para o número de prêmios que a Petrobras ganhou do OTC [Offshore Technology Conference], Na verdade eu fui a uma OTC em Houston, para receber um deles, como presidente do conselho. Então, eu não acredito que haja qualquer questão da Petrobras ser excluída do acesso à tecnologia. É muito improvável, se você é uma empresa que tem um campo e o que está em jogo é uma renda de 600 milhões de barris, que você não vai investir nas melhores práticas. É

muito improvável, ninguém atira no próprio pé nesta área, ninguém. Por outro lado, tenho certeza que nessas parcerias, hoje, as pessoas estão minimizando o papel de todas essas empresas internacionais de serviços de petróleo. Eles o estão subestimando. Porque nenhuma dessas empresas operam sem elas, não que eu saiba.

12 - FT: OK. Outra dúvida que as pessoas têm é sobre a capacidade da Petrobras de investir. De onde virá o dinheiro? E eu gostaria de entender essa questão de...

DR: De onde vem o dinheiro para qualquer empresa de petróleo no mercado internacional? De onde você acha?

13 - FT: Dos seus acionistas, dos lucros ...

DR: Uh uh, não, não, não. Do tamanho das suas reservas. Se você é um banco, para qual empresa irá emprestar? Aquela com as reservas. Qual é a razão, que você acha, que as pessoas emprestam dinheiro para a Petrobras? Hoje. Por que você acha que nós, no meio da crise, tivemos acesso ao dinheiro? Esse argumento não tem fundamento. A idéia de que as companhias de petróleo não vão investir... Eu não acredito nisso nem por um minuto. Você acredita?

14 - FT: Bem, eu não tenho qualquer opinião, mas as pessoas têm expressado dúvidas.

RD: Mas eu estou perguntando se é plausível. É isso que eu estou perguntando. A Petrobras vai ter acesso ao financiamento? Eu acho que vai. E eu acho que as companhias petrolíferas internacionais participarão do investimento.

15 - FT: Explique-me como a capitalização da Petrobras vai funcionar. É de 5 bilhões de barris...

DR: Deixe-me voltar à questão do financiamento. Nós não estamos tirando as companhias internacionais de petróleo do investimento. É por isso que eu perguntei-lhe se é plausível. Estamos dizendo: olha, venha participar conosco, porque você vai ter acesso a enormes reservas. A Petrobras será a operadora, o que reduz o risco devido ao seu conhecimento dos campos, e você receberá um retorno adequado, pois as reservas são grandes e você, a companhia internacional de petróleo, poderá colocar no seu livro essas reservas que você teve acesso no leilão.

Vamos supor que a empresa recebe 600 milhões de barris; Ela poderá registrá-los e será capaz de aproveitar-se da mesma forma que a Petrobras. Portanto, não achamos que o financiamento só virá da Petrobras, nem só das empresas internacionais de petróleo, nem só dos bancos. Ela virá da melhor combinação possível entre eles. É por isso que eu digo que não acredito que seja plausível supor que, se o arranjo é este ou aquele, isto reduz a quantidade de acesso ao capital. O que garante o acesso ao capital de uma empresa de petróleo e a permite se financiar é precisamente o montante de reservas que possui.

16 - FT: Mas a dúvida é...

DR: Então é um círculo virtuoso.

17 - FT: Mas a dúvida é em relação de onde virá o capital para fazer com que esses poços entrem em produção. Por exemplo, Tupi tem de 5 bilhões a 8 bilhões de barris. Se o custo de extração é de US\$ 10 por barril, significa de US\$50 bilhões a US\$ 80 bilhões em um campo, o que é muito dinheiro.

DR: Durante um período de 35 anos. Ninguém extrai tudo isso em um ano.

18 - FT: Não é verdade, mas há...

DR: Isso seria fisicamente impossível. Deixe-me explicar.

19 - FT: Mas há uma companhia que levando entre 30% e 100% de cada bloco...

RD: Deixe-me explicar. Tupi e Iara já estão sob concessão. OK? Para a Petrobras, Tupi e Iara estão sob concessão. Então, eles não fazem parte deste novo marco regulatório.

20 - FT: Sim ..

DR: Na sua parte de Tupi e Iara, a Petrobras está investindo US\$ 174 bilhões até 2013. Certo?

21 - FT: Não, esse é o total em todo o processo...

DR: US\$ 174 bilhões, sem o pré-sal. Isso é antes do pré-sal. Você sabe quanto a Petrobras levantou durante este ano de crise? US\$ 31 bilhões. Você sabe como ela arrecadou US\$ 31 bilhões? Vendeu 10 bilhões antecipados para a China. OK? US\$ 12.5 bilhões nós próprios colocamos dentro da companhia. US\$ 12.5 bilhões. O resto ela levantou no mercado. Ela levantou US\$ 31 bilhões. Ninguém mais no mundo levantou US\$ 31 bilhões. Entre fundos internos, venda antecipada e acesso a financiamentos, e eu não estou falando sobre o pré-sal, que é um processo que levará décadas, este é o pré-pré-sal.

22 - FT: Mas o pré-sal vai exigir centenas de bilhões.

DR: Vai. Parte deste valor nós estamos capitalizando. Nós estamos dando à Petrobras 5 bilhões de barris. Dos 5 bilhões de barris a que Petrobras terá direito, uma parte será a sua própria renda. A outra parte ela mostrará a qualquer banco internacional, indicando que possui 5 bilhões de barris suplementares como garantia. E que tem bons acessos às reservas brasileiras. Sua avaliação será boa.

23 - FT: E...

DR: E eu vou te dizer outra coisa. Não há nenhum país no mundo de que temos falado recentemente onde.... A grande questão é: como eu posso participar do pré-sal?

24 - FT: Eu estive lendo o projeto de lei que você enviou ao Congresso e há

este ponto dizendo que a União [da República do Brasil], através de um fundo criado por lei, pode participar dos investimentos e atividades de produção. Que fundo é esse e como irá funcionar?

DR: Você está familiarizado com o mecanismo norueguês?

25 - FT: Sim

DR: Quando eles ainda possuíam muitas reservas, a Statoil foi obrigada a ter 50%. Em alguns casos, a União aplicou dinheiro; em outros, não. Em nosso modelo, em princípio, não vamos adiantar nenhuma quantia em dinheiro. Mas, no caso, no caso, de decidirmos participar, podemos fazê-lo. É disso que se trata. Então deixe-me explicar o fundo. Toda a receita que extrairmos do pré-sal irá para um fundo. Este fundo irá empregar sua renda em diversas atividades. Combate à pobreza, estímulo à educação, ciência e tecnologia. Mas, ao mesmo tempo, fará investimentos.

26 - FT: Então é o mesmo fundo.

DR: Esse mesmo fundo tem de criar renda, tem que fazer sua receita trabalhar. Desta maneira, você poderá investir em ações, em vários títulos internacionais, você poderá fazer investimentos diretos. E quando esse fundo atingisse um grande volume, poderia ser que o investimento mais atraente disponível no Brasil fosse no setor de petróleo. Por que não? Portanto, em princípio, a União não aplicará qualquer quantia em dinheiro, mas se no futuro ela quiser, ela poderá.

27 - FT: E aplicará via Petro-Sal, através da Petrobras?

DR: Não, ela o aplicará diretamente, é o fundo que investe, em consórcios. Vamos supor que a União assuma 60% de participação no consórcio. Ela aplica sua receita. O fundo se junta ao consórcio.

28 - FT: Há uma outra dúvida sobre essa comparação com o modelo norueguês, onde...

DR: Não, é diferente.

29 - FT: Não, exatamente. É diferente. Na Noruega existe uma separação muito forte entre o governo, o órgão regulador e StatoilHydro. Aqui, o governo está apitalizando a Petrobras e pode entrar como um investidor, então está participando em ambos os lados...

DR: Sinto muito, mas eu não acho que essa é a diferença. Na Noruega, eles não fazem leilões. Lá, os critérios para a escolha de parcerias são mais subjetivos. Quem faz a escolha é o ministério. Não é uma forma, digamos, em que não haja subjetividade. Porque, para nós, o vencedor é aquele que oferece a maior parte [do petróleo para o governo]. Na Noruega, não. Não há nenhum concurso ou leilão. Esta é uma diferença substancial. A segunda diferença substancial é que, na Noruega, as reservas estão em declínio, de modo que não pode ser comparada com a gente, porque estamos na fase de aumento das reservas. O Mar do Norte já não pode ser comparado com o pré-sal. Mas, na Noruega, a Statoil costumava ter garantido 50%.

Estamos dando 30% [da Petrobras] do investimento e menor [do que] lucro. Na Noruega, a Statoil tinha 50% do investimento. Existem várias outras diferenças que eu poderia enumerar.

30 - FT: E o que está acontecendo com a Agência Nacional do Petróleo (ANP) [órgão regulador independente da indústria petrolífera do Brasil]?

DR: A ANP tem um papel central.

31 - FT: Mas há algumas funções que a nova lei dá ao CNPE [Conselho Nacional de política Energética, um órgão do governo], que costumava ser da ANP. A escolha dos blocos...

DR: Não, não. Nós nunca demos isso para a ANP. Por exemplo, quando o pré-sal foi retirado da rodada do último leilão, foi feito pelo CNPE.

32 - FT: A gestão dos leilões...

DR: Não. Veja... Qual é o papel da ANP? Quem faz os leilões? A ANP. O processo de leilão é feito pela ANP e a ANP faz os contratos. Os contratos são assinados pelo Ministério de Minas e Energia, porque são assinados em nome da União. Como funciona este modelo? É um sistema de pesos e contrapesos. A Petro-Sal, que representa a União na gestão dos blocos, entra no consórcio em nome da União para fiscalizar o custo do petróleo e as decisões de investimento. Porque o custo do petróleo é uma variável estratégica. Certo?

33 - FT: Certo.

DR: E dentro do consórcio, na comissão de operação, um plano operacional é aprovado. Então, a ANP tem que aprovar este plano, tal como aprovado antes. A ANP analisa a Petro-Sal, como qualquer outro agente. Portanto, há pesos e contrapesos, pois a Petro-Sal é uma coisa, mas a ANP está acima disso, é o órgão regulador. OK? É uma pergunta muito boa porque poderia parecer que estávamos acabando com o papel da ANP, mas é o contrário.

34 - FT: Entendi. Agora, explique a capitalização da Petrobras, que é algo que eu não entendo. Petrobras poderá vender os direitos de exploração a um determinado preço, e quanto maior o preço, maior o dinheiro que o governo põe na Petrobras, correto? E o que acontece com os acionistas minoritários? Se o preço é alto, eles têm que pagar um preço mais elevado que os acionistas e também pagar para participar na capitalização ou então ser diluído?

DR: Deixe-me explicar. Existem várias fases distintas. É por isso que esta é uma boa pergunta.

Primeiro, vamos autorizar a transferência de 5 bilhões de barris equivalentes de petróleo para a Petrobras, e para fazer essa transferência, faremos um contrato pelo qual a Petrobras vai nos pagar pelos 5 bilhões, OK? E nós vamos usar esse dinheiro para capitalizar a Petrobras, OK? Existem duas operações paralelas.

Vou explicar como. O que vamos fazer? Vamos contratar um avaliador independente para definir o preço do barril. Este preço terá de ser certificada pela ANP. Então, a Petrobras e o governo terão até 24 meses - a primeira avaliação é mais simples - a Petrobras e o governo terão 24 meses para acordar uma avaliação definitiva.

35 - FT: OK ...

DR: Se a avaliação definitiva for maior do que a primeira, a Petrobras vai pagar à União. Se for menor, a União vai pagar à Petrobras. Sabemos que o preço do petróleo embaixo da terra é uma coisa, e o preço do petróleo acima do solo é outra. Porque haverá essas duas fases? Porque nós descontaremos aqui, na segunda fase, os custos operacionais.

Em qualquer caso, quando você aumenta o capital da empresa, os acionistas minoritários têm o direito, porque a Petrobras é uma empresa pública, de exercer a sua opção, no todo ou em parte, na proporção da sua participação. Este é o direito das sociedades em todo o mundo. A cada aumento de capital, os acionistas minoritários têm de ser chamados a participar. Ou eles pagam mais ou eles são diluídos. Isto é em qualquer hipótese, se for feito com óleo, dinheiro ou títulos do governo.

36 - FT: Então a Petrobras e o governo vão decidir juntos...

DR: Não, não, vamos contratar uma avaliação independente e a ANP irá atestar o contrato. Quando a ANP atestá-lo, a operação será concluída com a Petrobras. A Petrobras leva títulos do governo ou o dinheiro. Ela pode pagar da forma que preferir e nós, assim que recebermos, iremos entregá-lo de volta para a Petrobras.

37 - FT: Então os acionistas minoritários...

DR: Terão de ser chamados, que é uma obrigação, ou você estaria prejudicando seus direitos.

38 - FT: E quanto maior o preço, mais as minorias vão ser chamadas a pagar...

DR: É a vida, não é? Quanto mais dinheiro colocarmos, mais os minoritários serão convidados a contribuir. E quanto menos colocarmos, menos eles serão convidados a contribuir.

39 - FT: Qual é a lógica da União capitalizar a Petrobras como operadora, para aumentar a sua capacidade de operar, em vez de o novo fundo aplicar dinheiro na medida em que o custo da operação é menor?

DR: Boa pergunta. Primeiro, o fundo não tem nenhum dinheiro.

40 - FT: Mas o governo tem...

DR: No futuro. Segundo, tampouco a Petro-Sal, que não tem nenhum dinheiro. O governo tem, mas não tem tanto dinheiro que possa capitalizar a Petrobras dessa

maneira. Como é altamente vantajoso para a Petrobras ser paga em barris, é muito melhor para o governo capitalizar em barris. Não há nenhuma desvantagem para a Petrobras.

41 - FT: Mas a pergunta é sobre a relação entre uma empresa que é basicamente de propriedade do governo, mas tem a maioria de seu capital nas mãos de minoritários...

DR: Claro, se fosse uma empresa privada, se estivéssemos colocando 5 bilhões de barris nas mãos de uma empresa privada, ela iria gostar também. Portanto, não estamos nem prejudicando os direitos da Petrobras nem os dos acionistas.

42 - FT: Mas eu quero entender esta lógica. O governo irá investir dinheiro para reduzir o custo de produção e poderia fazê-lo via Petro-Sal para reduzir o custo para todos os operadores, da Petrobras e do resto.

RD: Mas não temos dinheiro nenhum na Petro-Sal. Nós não queremos transformar a Petro-Sal em uma empresa operadora.

43 - FT: OK, mas eu quero dizer quer através do fundo ou diretamente, visto que você está colocando o dinheiro público na Petrobras...

RD: Mas por que colocaríamos dinheiro público?

44 - FT: Para diminuir o custo de produção e obter mais petróleo fluindo mais rapidamente.

DR: Só se déssemos dinheiro subsidiado. Para quê? Por que iríamos tirar dinheiro do Brasil e dar o financiamento subsidiado para a Petrobras ou qualquer outra empresa de petróleo, brasileira ou não?

45 - FT: Da maneira que você descreveu que o fundo pode entrar como um investidor.

DR: Não iremos subsidiar nada.

46 - FT: Não, eu não quero dizer como um subsídio, eu quero dizer, como forma de reduzir o custo total para os operadores.

DR: Mas veja, isso vai acontecer em diferentes fases. Na primeira fase, não há dinheiro no fundo. E não vamos dar dinheiro para a Petrobras. Vamos dar-lhe um financiamento sob a forma de barris de petróleo. A Petrobras pode converter isso em dinheiro. Nós não podemos, mas a Petrobras pode, é uma empresa petrolífera. E eu vou te dizer, eu acho que isso é muito criativo. Estou pegando a riqueza que existe, que todo mundo sabe que está lá, eu estou pegando essa riqueza e capitalizando a Petrobras. Eu estou fazendo um contrato de transferência dos direitos para a Petrobras. E a Petrobras tem que me pagar. E a que preço vai me pagar? A um preço com base no lucro da produção desses 5 bilhões de barris. Vou contratar uma avaliação e eu vou dizer, olha, o preço do barril lá no fundo do mar é uma coisa, eu vou pagar uma certa quantia, digamos que é 1. Então, eu estou

pagando 1. Então, este preço é certificado. Na fase atual do nosso conhecimento, é 1. Isso ajudará a Petrobras a aumentar o financiamento, melhorar a sua posição internacional, o seu balanço vai ficar melhor, quando os bancos olhar suas contas eles vão dizer, "ah, eles estão muito melhor". Bom. Com base nisso eu vou perfurar vários poços, um aqui, outro ali, uma lá, e eu digo, "ah, eu tenho 5 bilhões de barris aqui. Minha sísmica diz isso, meu estudo de exploração diz isso, eu tenho todo esse conhecimento sobre esse campo, e esse valor não é 1. É 12". OK? Então o meu contrato com esta cláusula sobre a adaptação, vai para 12. Portanto, não é 5 bilhões, 5 bilhões de vezes isso e a Petrobras me deve X. Ela faz uma chamada de capital e paga-me com ações. Eu chamo os acionistas minoritários e ele coloca dinheiro. Bom para mim, porque o dinheiro está entrando, o rendimento primário, excelente. Se os minoritários não vêm, eu tenho ações da Petrobras que são dignos de uma quantia X no mercado internacional. Se os acionistas minoritários não vêm, claro que suas ações vão ser diluídas. É assim em qualquer lugar do mundo.

Agora, há uma coisa que eu não respondi. Por que não fazemos isso com dinheiro? Porque, como eu estava dizendo, na primeira fase do processo de capitalização: os investimentos são sempre feitos com antecedência. Demora anos antes de você chegar ao ponto de retirar o petróleo. Assim, no início nós não temos dinheiro no fundo, não temos todos os recursos do pré-sal. Nada. O que temos? Temos as reservas que o Brasil tem acumuladas. Mas não tem sentido para o governo fazer isso agora, se ele pode entregar 5 bilhões de barris e com isso, colocar a Petrobras em uma situação melhor, garantindo que ela pode levantar fundos nos mercados internacionais, uma vez que tem esse acesso.

47 - FT: Mas quem vai emprestar o dinheiro?

DR: Hoje, se você olhar para este ano, saindo da crise, há US\$12.5 bilhões que nós garantimos. Há US\$10 bilhões do contrato com a China, no qual fornecemos petróleo e a China adianta o dinheiro. Então, temos US\$22.5 bilhões. Assim, para chegar a US\$31 bilhões faltam US\$8,5 bilhões, OK? E nós temos isso no mercado internacional. Então, existem várias formas para capitalizar a Petrobras. Sem sombra de dúvida, a Petrobras passará a ser, por causa do pré-sal, um investidor grande e interessante para se fazer parcerias, para fazer investimentos e empréstimos. Com a retomada do crescimento econômico nos países desenvolvidos e do desempenho dos países emergentes, estamos certos de que a Petrobras vai oferecer investimento de raiz extremamente atraente. Não temos dúvida de que os tradicionais financiadores internacionais, os bancos, especialmente se a situação deles melhorar, e outros parceiros internacionais irão aparecer. Mas estamos certos de uma coisa. Depois do teste estressante que o governo brasileiro e a Petrobras passaram após a queda do Lehman Brothers, e o fechamento absoluto de linhas de crédito internacionais, nós sobrevivemos. Então, se temos sobrevivido ao pior cenário dos últimos tempos, não tenho a menor dúvida de que a Petrobras terá todas as possibilidades de obter financiamento nos mercados internacionais. Se você olhar para o desempenho da indústria do petróleo, apenas a Petrobras e uma outra empresa registrou lucros.

48 - FT: Quando será a próxima rodada de leilões de novos blocos?

DR: Nós temos que esperar [o novo marco regulatório] pela aprovação no Congresso. O ministro Lobão [Minas e Energia] disse, em uma conferência de

imprensa, que ele estava vendo a possibilidade de fazer uma rodada de concessões este ano. Concessões, não partilha de produção, e não do pré-sal. Para o pré-sal, temos de esperar pelo marco regulatório. É por isso que o governo está usando o sistema de urgência no Congresso Nacional [o que dá 90 dias para aprovar ou rejeitar a legislação]. Agora, estamos confiantes de que o Congresso vai avaliar isso rapidamente para que possamos começar a trabalhar o pré-sal.

49 - FT: Qual será o impacto de tudo isso nas eleições do próximo ano?

DR: Vai ser assim. No Brasil temos uma situação difícil, e eu estou feliz por você ter feito a pergunta. A vida é difícil, temos um ciclo de quatro anos no âmbito do governo federal e estadual, e um ciclo de quatro anos separados para os governos municipais, o que nos dá eleições a cada dois anos. Então, ou você acaba de ser eleito, ou você está no ciclo municipal, ou você está nos anos intermediários, ou você está no ano da eleição de novo. Portanto, não é possível imaginar que as coisas só podem ser feitas no Brasil em anos sem eleições, ou então haveria muito pouco tempo para fazer algo. E nós não estamos em uma situação onde as pessoas podem ficar esperando. Este ano eles estão dizendo que tudo que estamos fazendo é eleitoral, e este ano é um ano intermediário. Imagine no próximo ano.

50 - FT: Bem, o projeto de lei deve ser aprovado no ano que vem.

DR: Sim, tem que ser aprovado no ano que vem.

51 - FT: E a sua candidatura?

Esta candidatura, isto é uma coisa, eu não sei se você vai entender a expressão brasileira, mas eu sempre digo à imprensa brasileira que não vou falar sobre minha candidatura nem amarrada.

Mas deixe-me dizer uma coisa sobre o pré-sal. Olhamos para todos os outros sistemas de regulação no mundo. Não eu, nós encomendamos um estudo para o BNDES. Estudamos o caso de Angola, tudo sobre a Noruega, os Estados Unidos, o que foi feito no Mar do Norte, no Oriente Médio. Estudamos os contratos, sistemas de leilão, e eu vou lhe dizer uma coisa. Em poucos lugares havia leilões puros, em poucos lugares.

52 - FT: Você acha que você criou um novo modelo?

DR: Nós adaptamos várias coisas para o Brasil, mas nós tivemos que fazer isso porque aqui, por exemplo, se você comparar o Brasil e a Noruega, há diferenças enormes por causa da história de cada país. Nós começamos no Brasil com todo mundo dizendo que não havia petróleo. E a Petrobras tem crescido a cada passo que nós tomamos, lado a lado. Ela não fez nenhum grande salto, ela tem crescido com o conhecimento que temos sobre nossas reservas. E é a Petrobras que fez as descobertas, em contraste com o que aconteceu na Noruega, onde parte foi descoberta por empresas internacionais de petróleo. Mais tarde veio a Statoil e assumiu o controle das reservas. Aqui, o processo foi diferente. Começamos com grandes dificuldades, porque o petróleo na Bacia de Campos é pesado, ele contém alto teor de enxofre, e é difícil de encontrar. Assim, o regime de concessão era certo para aquele momento.

E isso atraiu médias empresas, como a Galp [WINDOWS-1252?]- a Chevron veio, mas foi o único grande. Mas as grandes apareceram com força no dia em que nós vendemos concessões na área pré-sal. E a razão pela qual eles foram atraídos foi o tamanho das reservas e a qualidade do óleo. Isso é o que explica a presença de grandes companhias de petróleo em algumas partes estranhas do mundo.

Claro que as condições de operação são um fator, mas não na extensão em que as pessoas querem fazer crer. Claro que as empresas gostariam que a gente mantivesse o sistema de concessões. Mas isso não é o que os atrai. É a quantidade e a qualidade do óleo. Um executivo de uma companhia de petróleo me disse outro dia, que o que importa para nós são regras claras e estáveis. E o Brasil tem regras claras e estáveis. E ele não disse isso para me fazer feliz. Isso é o que vai acontecer. Nós estabeleceremos regras claras e estáveis. E é possível, nestas condições, para uma empresa internacional de petróleo e uma empresa nacional de petróleo, assim como outras companhias petrolíferas nacionais fazem em outros países, a firmar um contrato e ter seu lucro.

Hoje não é um problema trivial ter acesso às reservas. Achamos que criamos um mercado estável e atraente e as companhias internacionais de petróleo vão querer operar sob essas regras que, esperamos, venham a ser aprovadas pelo Congresso. Pelo menos é o que nós propusemos. O Congresso pode sempre mudar algo. Mas deixe-me lhe dizer: para nós, o pré-sal é um passaporte. É um passaporte para sair da condição de ser o país mais desigual do mundo.
